# A FRONTEIRA MOVEL

**Valério Andrade**

Em 1903 uma câmara registrava os fragmentos do assalto a um trem. De revólver em punho, um bandido assustava os passageiros, enquanto a platéia vibrava. Neste breve instante de emoção, nasceu um gênero — aquêle que seria batizado como o cinema americano por excelência.

Quarenta e cinco anos depois que *The Great Train Robbery* fôra projetado, transformando a realidade em lenda, um filmeco, igual a milhares de outros surgidos desde que o pioneiro Edwin S. Porter levara o gênero à pia batismal, invadia os lares americanos.

Aconteceu a 28 de novembro de 1948. Neste dia, alargando a sua fronteira, o "western" anexava definitivamente um nôvo e poderoso território: a TV.

**O Conquistador**

A relíquia filmada no início do século — e que ainda hoje pode ser contemplada nas cinematecas — deixou gravado para a História o nome do homem que havia ficado atrás da câmara. Ninguém, porém, se recorda do outro que se achava no lugar de Edwin S. Porter, no "bang-bang" que tomou de assalto a televisão.

A imagem registrada na memória do vídeo foi a do homem que estava cara a cara com os telespectadores. Por pioneirismo e mérito pessoal, a êle é que cabe o tributo dos conquistadores.

Hopalong Cassidy já havia caído na compulsória cinematográfica quando um de seus filmes apareceu no Canal da NBC. Em relação à imagem dos "cow-boys" da tela, como John Wayne e Gary Cooper, parecia um herói de história em quadrinhos. Sua cabeleira embranquecida, constratando com o traje negro, fazia uma combinação singular, enquanto o rosto, sereno e barbeado, espelhava as virtudes exigidas pelos puritanos: ninguém poderia imaginá-lo levando a heroína para a cama.

**Herói Nacional**

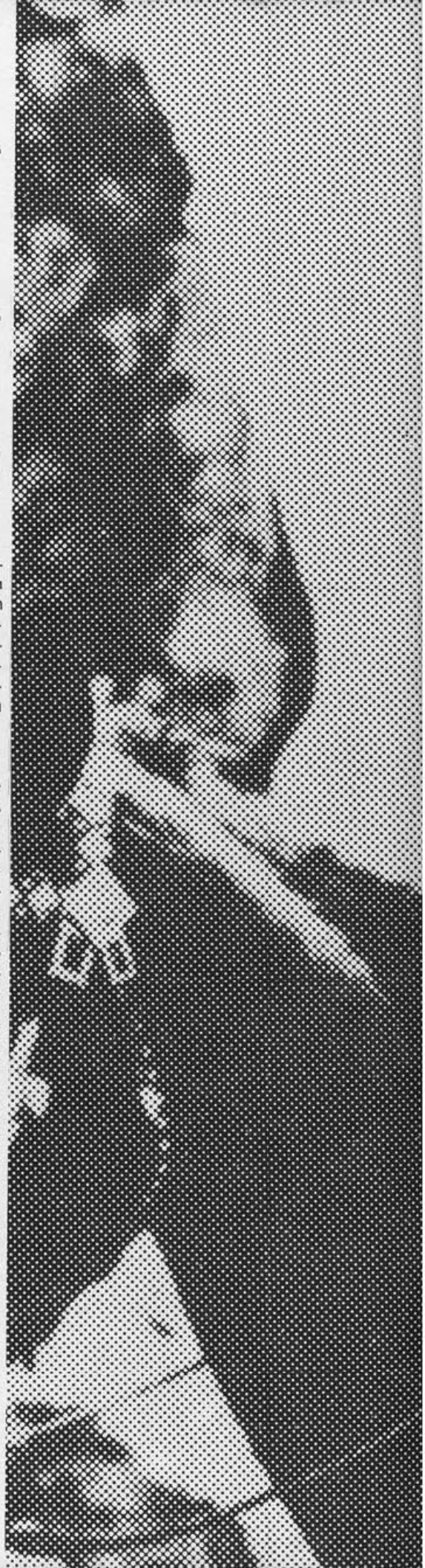
A figura de Hopalong Cassidy encaixava-se como uma luva ao primarismo artístico e emocional das fitinhas de classe C que, fabricadas em série, haviam sido exibidas em programa duplo, no tempo dos seriados. Na tela mirim, porém, a magia do "far-west" voltou a funcionar com êle, dando nôvo e inesperado impulso às fáfricas especialistas em roupas de "cow-boys".

Principal beneficiado, graças à posição pioneira junto ao público recém-conquistado, Hopalong Cassidy rejuvenesceu no turbilhão do sucesso. Em 1949, poucos meses após a estréia na TV, viu-se eleito herói nacional, alcançando a popularidade que jamais ousara sonhar em seu longo sonho hollywoodiano: 20 emissoras levavam sua imagem a todo o país. Em 7 semanas, numa de suas excursões, apertou as mãos de 250 mil crianças!

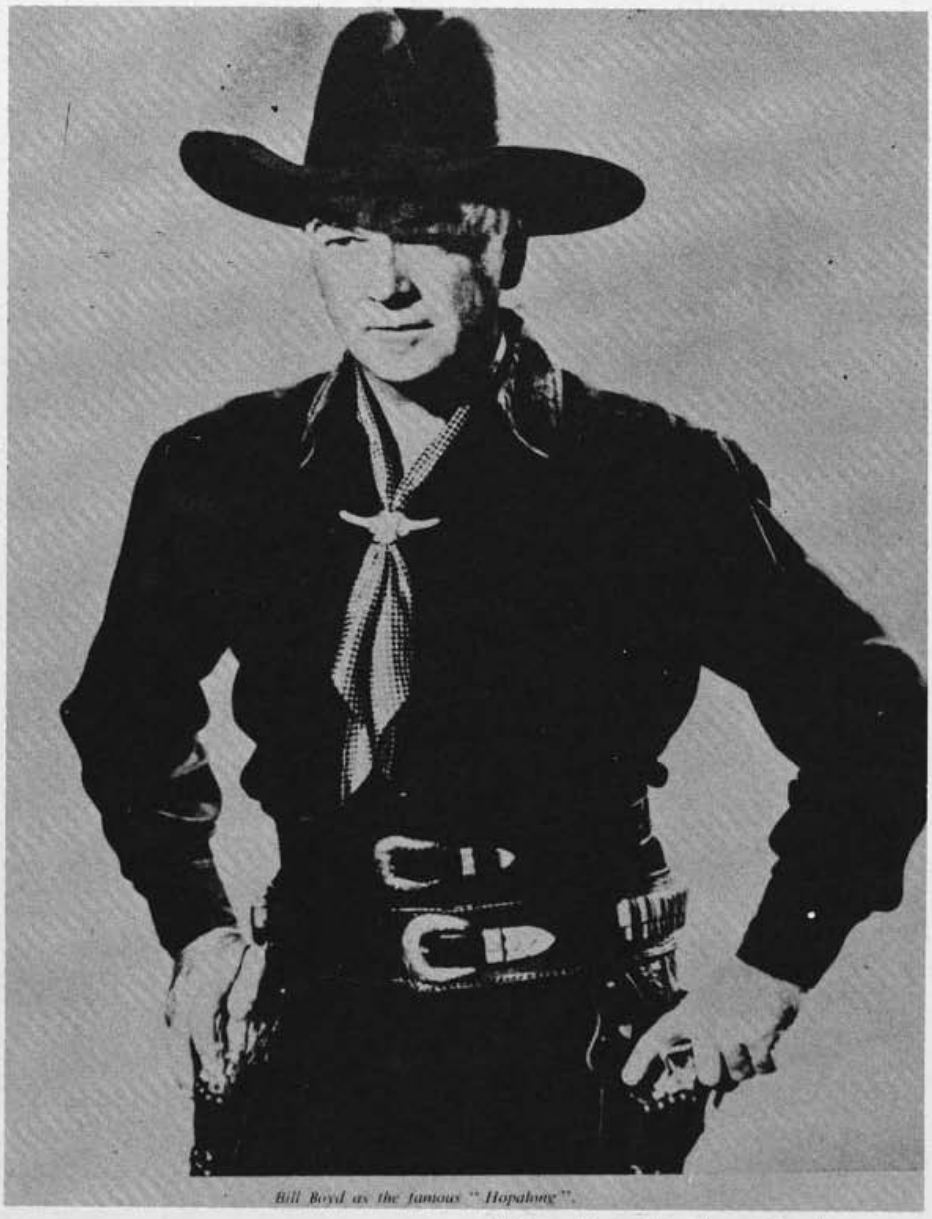
Hopalong Cassidy, também conhecido no cinema como William Boyd, continuou cavalgando, esmurrando e atirando, durante três anos de glória, alegria e dólares.

**Fronteira Aberta**

O fulminante êxito de Hopalong Cassidy provocou uma nova corri-



*Tom Mix*




William Boyd (Hopalong Cassidy).

Gene Autry

da do ouro, não em direção ao interior da Califórnia, mas aos estúdios de TV. De repente, outros nomes, populares nos "bang-bangs" enlatados pela Republic e a Monogram, resolveram seguir a trilha desbravada pelo velho "cowboy". Os veteranos Roy Rogers e Gene Autry, em galope simultâneo, chegaram ao nôvo filão, logo sendo beneficiados pelo solo fértil.

Acontece que o estoque de balas levados pelo velho Cassidy chegou ao fim. Seu colega, Gene Autry, nunca fôra um mocinho carismático: satisfazia na ausência dos melhores. Roy Rogers, entre um tiroteio e outro, deixava os americanos impacientes com a sua mania de cantar. Por outro lado, depois de algum tempo, a esquematização da fórmula (os filmes do trio foram idealizados pela mesma máquina: a variação entre êles equivale a existente entre duas garrafas de Coca-Cola) terminou por exigir diversificação temática e a presença de novos heróis.

O primitivo monopólio de Hopalong Cassidy, Roy Rogers e Gene Autry chegava ao fim. De qualquer forma, haviam levado a cabo suas missões, dado os tiros exigidos pela fase de colonização. E, seguindo a tradição da cavalaria, a turma de refôrço despontou no horizonte, em socorro aos mocinhos em apuros.

Nem precisaram trocar tiros: a fronteira estava aberta e o território conquistado.

**Quarentena Hollywoodiana**

O início da década de 50 não só assistiu à evasão do gênero-chave do cinema, predominante em sua produção anual, como também à sua vitória junto ao nôvo e poderoso meio de comunicação. O sucesso do "western" denunciava os sintomas da grande crise que em breve envolveria todo o gigantesco complexo industrial de Hollywood. A freqüência semanal de espectadores caía de forma assustadora, provocando, nas grandes cidades, a debandada que fêz centenas de salas de projeção fecharem suas portas.

Ninguém mais duvidava: o americano preferia ficar em casa, no confôrto do lar, copo de uísque à mão, de ôlho grudado no filhote bastardo do cinema.

À beira do pânico, Hollywood entrou em regime de prontidão. Alerta geral. Unidos numa aliança industrial, a fim de resistir à investida do inimigo, os grandes estúdios resolveram não vender os estoques de filmes. Por seu turno, os astros e estrêlas da constela-

ção hollywoodiana, seja por imposição contratual ou decisão pessoal, passaram a compartilhar do bloqueio.

A quarentena, porém, não resistiu aos consecutivos apelos dos dólares emitidos pelos canais de TV. E um dia foi suspensa, quando, numa de suas misteriosas manobras, o "big-shot" Howard Hughes vendeu a R.K.O. a um grupo que, imediatamente, adaptou os estúdios a TV.

Agora só restava o caminho da coexistência pacífica: solução que vigora até nossos dias, tanto nos Estados Unidos, como nos demais países.

**Renascimento na TV**

Na fase de implantação do "far-west", quando o gênero dependia bàsicamente dos "cow-boys" mencionados acima, a televisão ainda não produzia os seus próprios filmes. Êles eram adquiridos nos subúrbios de Hollywood, isto é, no arsenal dos pequenos estúdios. Com a vertiginosa ascensão da TV, a Republic & Cia. descobriram estimulante fonte de comercialização para uma produção que, nessa altura, já andava moribunda nas salas de projeção.

Vendo que o gênero tinha fôlego próprio, as estações resolveram levá-lo diretamente para o vídeo, limitando-se, apenas, a importar atôres do segundo escalão hollywoodiano. Não só por medida de economia, como também, por decorrência da ausência dos artistas famosos.

Como conseqüência direta desta política, os agentes passaram a olhar com especial carinho (10%) para os coadjuvantes do sucesso. De fato, para muitos dêles, alguns já acossados pela ameaça da aposentadoria precoce, a televisão transformou-se em verdadeira dádiva dos deuses. A cavalgada na minitela abriu-lhes o caminho da glória, enquanto seus nomes aumentavam de tamanho e importância no crescente império da televisão.

**A Bengala Mágica**

Na longa lista de atôres que a televisão tomou emprestado ao cinema durante a década de 50, nenhum talvez exemplifique tão bem a revolucionária ascensão como Gene Barry, apesar do êxito dos seus colegas de profissão e sorte surgidos na sua leva.

Em Hollywood, Gene Barry nunca conseguiu se impor, seja por talento ou *charme* pessoal, como ator de primeira grandeza. Sua carreira caminhava no mormaço discreto dos filmes de classe B. Fazia de tudo, sem ser especialista em determinado gênero ou tipo de personagem. Era um rosto que o espectador esquecia ao sair do cinema.

De repente, o milagre: Gene Barry conhecia a glória sob o nome de Bat Masterson. A verdade é que a metamoforse se deve ao personagem e ao poder da televisão. O êxito da série não se limitou apenas ao mercado americano. Espalhou-se por outros países. Desconhecido como Gene Barry, idolatrado como Bat Masterson, passou a viver à sombra do personagem. Tal qual ocorrera com Hopalong Cassidy, transformou-se em ídolo da garotada. Sua bengalinha foi industrializada, êle amado e invejado.

Hoje voltou ao cinema, onde, diante dos olhos da multidão que ovacionava Bat Masterson, desfila incógnito, como Gene Barry.

**A Fronteira Móvel**

Da mesma forma que havia passado a produzir os "westerns" para o seu consumo diário, a televisão, mais adiante, resolveu fabricar e lançar os seus ídolos. Afinal, se ela tinha meios de impor canastrões e glorificar elementos obscuros, é evidente que também poderia compor o seu próprio elenco. E assim fêz.

A escalada dos mocinhos do cinema havia chegado ao fim. Agora era a televisão que revelava gente desconhecida, fazia ficar famosa e os exportava para Hollywood. O processo havia sido invertido pelo rumo dos acontecimentos. Cabia a êles, os heróis da TV, a tarefa de conservar a mobilidade da fronteira do "western" — o gênero por excelência do cinema. **inc**

*Bat Masterson.*